



A MOLDURA INCOMPARÁVEL DO JAMOR SEM A VIBRAÇÃO DA FINAL

No cenário incomparável do Jamor, cheio até mais não poder ser, numa bela tarde de Verão, o Sport Lisboa e Benfica encerrou a sua mais brilhante temporada dos últimos anos, ao nível nacional, conquistando a Taça de Portugal, depois de já ter ganhado a Taça de Honra e o Campeonato Nacional, a revelar uma supremacia e uma hegemonia, algumas vezes em perigo ao longo da temporada, mas que

acabou por prevalecer, devido à superior categoria dos seus jogadores

Não pode dizer-se que a final de ontem contra a Associação

das maiores assistências de sempre no Estádio Nacional, do tipismo que lhe foi transmitido pela irreverente juventude dos estudantes e pela saudosa evocação dos que alguma vez passaram por Coimbra, da sempre entusiástica e

fiel massa de simpatizantes do Benfica, não pode dizer-se, dizíamos, que o jogo tivesse a vibração que uma final quase sempre implica,

pois só a incerteza do resultado, que não do jogo, prendeu os milhares de espectadores aos seus lugares até ao derradeiro segundo das duas horas jogadas pelas duas equipas.

Bem vistas as coisas, terminado o jogo, fica-

Comentários de AURÉLIO MÁRCIO

res e à indiscutível organização do seu futebol.

Académica de Coimbra tivesse a rodeá-la, para lá da moldura de uma

NA EQUIPA BENFIQUISTA

SIMÕES A GRANDE FIGURA MAS EUSÉBIO...

MUITO teve de trabalhar a equipa do Benfica para se sobrepôr à da Académica na questão dos golos, por ser o pormenor que decidiu a contenda final da «Taça». Anote-se que os «encarnados» estiveram a perder, o que mais valoriza a busca da vitória, tendo em conta

que o «team» estudantil não é dos que se deixam ultrapassar facilmente quando se encontra na mó de cima.

pisaram o magnífico relvado do Jamor, o pequeno SIMÕES foi a grande figura, pelo que jogou e pelo que fez jogar, desenvolvendo intensa activi-

Apreciação de LUÍS RODRIGUES

Dos treze «encarnados» que

dade e raramente perdendo os lances em que se meteu. É certo que não esteve feliz no capítulo de remate, pode mesmo dizer-se que esteve desas-



TRADICIONAL — O «capitão» do vencedor (Coluna), a taça e a entidade que presidiu ao encontro (director-geral dos Desportos)

BENFICA, 2 —
(Simões e Eusébio)
— ACADÉMICA, 1
(Manuel António)



«QUEBRA-CABEÇAS» — Simões, uma grande exibição e um «quebra-cabeças» para os defensores escolares. Na imagem, Gervásio e Rui Rodrigues

a propósito de... **POR NOBRE GUEDES**

se a pensar como demorou tanto tempo o
(Continua nas págs. centrais)

DESPORTO FEDERADO UNIVERSITÁRIO, CORPORATIVO

POR um despacho da Direcção Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar os atletas universitários e corporativos que ingressem no desporto federado ficam dispensados de respeitar os intervalos que neste devem ser observados. Todos os interessados compreendem onde quer chegar a Direcção-Geral. Mas para os leigos o que salta à vista é o pé de igualdade

entre o desporto federado, o corporativo e universitário, como se estes dois últimos, fora

da jurisdição da Direcção-Geral, pudessem considerar-se no mesmo plano e com uma organização paralela e aconteça incorporarem-se no desporto federado. Este sim sob jurisdição da Direcção-Geral. Ora o estado das coisas é um pouco diferente daquilo que pode concluir-se do despacho.

Há muito que o desporto universitário disputa campeões.
(Continua na 10.ª pág.)

Diário Popular

suplemento desportivo

NO «TEAM» DA ACADÉMICA

UM BELO JOGADOR CHAMADO... BELO!

Até ao intervalo, a equipa da Académica foi manifestamente superior à do Benfica; no segundo tempo, houve equilíbrio até certa altura, mas os últimos minutos já demonstraram quebra nítida dos estudantes; os «encarnados» evidenciaram clara supremacia. Conclusão: o resultado parece justo!

Em qualquer período do encontro, porém, um jogador sobressaiu, sem acusar as oscilações da equipa: BELO. Mesmo a sugerir o «stocadilho»: mas que belos jogadores! Efectivamente, o jovem «stopper» escolheu uma acção de rara eficiência, oportuníssimo no desarme, quer em lances de frente quer nos de reserva, quando foi necessário um esforço mais para quebrar o ímpeto atacante do antagonista. Eusébio, Abel, Jaime Graça, Torres etc., sentiram bem a categoria do jogador. Para nós, até, o melhor em campo.

VIEIRA NUNES (que jogou ao centro e Belo na «cobertura», contra o habitual) acompanhou muito bem o colega do lado e a ambos ficou a dever-se grande parte do excelente trabalho defensivo da equipa. GERVÁSIO e MARQUES não se exibiram com idêntico acerto, mas também não comprometeram, resistindo mais o primeiro que o segundo ao esforço que tiveram de desenvolver.

Esperava-se muito de NENE, jogador a quem se teciam as melhores referências. A responsabilidade da final deve, porém, ter influído no trabalho

(Continua na 13.ª pág.)



PERICO — Belo e Gervásio pressentem que, bola nos pés de Eusébio, corresponde a perigo imediato

Juniões de 1970, 2 — Juniores de 1971, 1

MUITO CAMINHO DESBRAVADO...

A antecedência a final da Taça de Portugal, realizou-se um encontro entre duas selecções de jogadores juniores, designados de 1970 e de 1971, escolhidos pelo seleccionador, dr. David Segueira. Os amais velhos venceram, por 2-1.

SELECÇÃO-1971 (Camisola branca) — Pinhal (Sporting), depois Quim (F. C. Porto); Espírito Santo (U. Leiria); Graça (Sintrense); depois José Luis (U. Leiria), Chaves (Sintrense) e Baptista (Benfica); Rachão (Benfica) e João (Benfica); Rodrigo (F. C. Porto); Enrião (Esperança de Lagos), depois Sá (Sporting), Gregório (Académica) e Elvino (F. C. Porto), depois Peixoto (Feirense).

Primeira parte: 1-1. Marcadores: Cucheira e Jerónimo, pelos de 1970; e Rachão, pelos de 1971.

Sem produzirem exibição de grande nível — o que, aliás, não é de estranhar se atendermos a que, praticamente, nunca se encontraram a jogar juntos — não foi de todo desagradável a acção

(Continua na 13.ª pág.)

GRUPO B

Table with 10 columns: J, V, E, D, B, P. Rows include T. NOVAS, Beira Mar, Gouveia, Tramacal, Peniche, U. Lamas, Sanjoana, Viseu, Sp. Covilhã, Valecamb. and a list of 'MELHORES MARCADORES'.

GRUPO B — Beira Mar, 5 - Torres Novas, 1

OS AVEIRENSES PODIAM TER MARCADO MAIS GOLOS...

Esperava-se muito mais da equipa de Torres Novas. Aquilo que a turma visitante demonstrou ao longo dos noventa minutos foi muito pouco e se o Beira Mar tem aproveitado mais algumas das muitas oportunidades falhadas, os torcedores teriam abandonado o Estádio de Mário Duarte vergados ao peso de expressiva derrota. Mesmo assim, os aveirenses alcançaram um triunfo bem concludente.

Na primeira parte, ainda o grupo visitante conseguiu frustrar as tentativas atacantes do Beira Mar, cedendo apenas um golo perante o domínio territorial quase avassalador do seu adversário. Mas, no segundo período os aveirenses deram mais velocidade ao seu jogo,



PONTO FINAL... NA FINAL — Eusébio (sempre ele) põe o ponto final... na final da Taça. Saída em falso de Viegas e... golo! Belo e Gervásio já adivinham o caminho da bola

TAÇA «RIBEIRO DOS REIS»

GRUPO A — Braga, 1 — Guimarães, 1

OS BRACARENSES DOMINARAM SEMPRE

Com uma equipa teoricamente mais fraca, o Vitória de Guimarães teve a felicidade de, numa jogada aparentemente inofensiva, inaugurar o marcador logo nos primeiros minutos.

Após este tento, os braca-

pânico à grande área bracarense, em rápidos contra-ataques. O golo do Braga veio trazer maior verdade ao desafio, que viu as suas possibilidades de vencer diminuídas com a expulsão de Abílio e quando estava mais balanceado na ofensiva.

Fráquissimo arbitragem de Armando Acúrsio, do Porto.

A. AZEVEDO

Os avançados espinhenses perderam bons ensejos de vencer os tirsenses (2-2)

O desafio Espinho-Tirsense não terá sido tecnicamente bom, mas proporcionou bastante entusiasmo pelo ardor posto na luta por ambas as equipas.

O Espinho poderá queixar-se de alguma pouca sorte, na medida em que se lhe depararam maiores e melhores oportunidades de marcar. Todavia, também é certo que os maiores culpados do inéxito foram os seus avançados, que tudo complicaram na zona de golo.

Os visitantes, bem comandados por Júlio Teixeira, dominaram com incursões dos locais, conseguindo, até, estarem em vantagem no marcador.

Arbitragem com alguns erros.

GOMES DE CASTRO

Os penafidenses não foram felizes ao empatarem com o Leixões (1-1)

O desafio Penafiel-Leixões foi caracterizado pela forma como

GRUPO D — VITÓRIA DE SETÚBAL, 1 — BARREIRENSE, 0

TRIUNFO JUSTIFICADO NA PRIMEIRA PARTE

Os sadinos, praticando um futebol solto e bem delineado, começaram desde o início grandes manobras à equipa visitante.

Na segunda parte, o Vitória não parecia a mesma equipa do tempo inicial e o desafio amoleceu bastante. A turma visitante equilibrou então o jogo, mas sem nunca ter evidenciado grandes possibilidades de vir a empatar a partida.

Do fim e ao cabo, o triunfo do Vitória foi justíssimo,

MACHADO PINTO

Domínio repartido entre eborenses e montijenses (1-1)

Os lances iniciais da partida proporcionaram aos eborenses um domínio territorial acentuado, sempre bem anulado por oportunas intervenções da defesa do Montijo.

Entretanto, a partir da meia hora os visitantes superiorizaram-se, criando por sua vez embaraços à defesa lusitana, atingindo-se o final do 1.º tempo sem se marcarem golos.

No recomeço, o Lusitano tomou o comando das operações, marcou um tento nos 8 minutos, mas o Montijo reagiu bem, vindo a conseguir a igualdade antes da meia hora. Até final o jogo foi salpicado de quezílias, nem sempre bem sancionadas pelo árbitro Rosa Nunes, de Faro.

JOÃO IGLÉSIAS

O maior poder físico dos setúbalenses na base do empate com os sesimbrenses (1-1)

No primeiro tempo, as equipas do Sesimbra e do Setúbal

deram-se à luta com generosidade e nesse período os locais marcaram um golo e perderam ainda outras oportunidades.

Mas na segunda metade, esgotada a frescura física, os sesimbrenses baixaram de rendimento.

Uma palavra individualizada para ZECA. Confirmou plenamente o seu lugar na defensiva «encarnada», até mesmo no centro (onde jogou) e não na «cobertura» (onde tem jogado). Excelente no «corle», embora uma vez ou outra alambaladamente, fazendo «balões» um lanço comprometedores. Contudo, sempre oportuno, raramente perdendo uma entrada e sempre com uma «limpeza» que faz recordar o antigo belenense Viteiro.

Mas EUSEBIO é extremamente importante possuir «um Eusébio» numa equipa. Não marcou os dois golos dos «encarnados», marcou só um, o segundo, mas do primeiro pertence-lhe metade. Aquele chute, no «livre», levava tal força que Viegas não foi capaz de segurar a bola, tal como em duas ocasiões anteriores. Só que desta, o perspicaz Simões eslavava muito alento. Eusébio não fez (e há quanto tempo não faz?) nenhuma das suas clássicas jogadas, em que arranca irresistível-

mente para levantar o público da bancada, depois da bola anichada no fundo da baliza, mas a sua presença é terrível. Viu-se, ontem, no Jamor. JAIME GRAÇA também jogou razoavelmente bem. Esteve bastante activo, especialmente, e entre várias oportunidades de golo que proporcionou aos «pontas de lança» a última foi aproveitada, por Eusébio (segundo golo).

Dos restantes defensores (já falámos de Zeca), ADOLFO foi mais útil que os restantes, pela consistência com que se dedicou a jogadas de ataque, indo várias vezes à linha de cabeceira contrária efectuar centros. Depois, HUMBERTO e MALTA DA SILVA, que tiveram algumas dificuldades quando os avançados da Académica vinham com a bola dominada. Talvez o primeiro tenha estranhado a mudança do centro para a «cobertura».

O guarda-redes JOSÉ HENRIQUE chegou para as «encomendas» mas nunca deu a sensação de segurança que o ocupante do lugar deve incutir nos companheiros. TONI e ABEL foram substituídos por JOSÉ AUGUSTO e TORRES. Justificadamente, acrescenta-se, pois o primeiro vinha a cair declaradamente de rendimento e o segundo está longe, do facto, de ter categoria para enfiar na turma principal. Os substitutos, no entanto, não estiveram à altura da sua projecção e se José Augusto pouco melhor fez que Toni, já Torres foi bastante mais útil que Abel, embora sem a eficiência habitual. Por algum motivo ambos têm vindo a ser suplentes.

Por fim, o «capitão» COLUNA. Exibição incaracterística, tanto mais que o jogo não foi disputado a alta velocidade, o que, presentemente, é problema para o grande jogador. Coluna tardou em descobrir o movimento tático do antagonista, «navegando» por largo tempo no meio do terreno, para só vir a subir, consideravelmente, no prolongamento. Nessa altura, sim, foi estoico, aguentando o «tour de force» da Académica para reconquistar o empate.

(Continua na 11.ª pág.)

GRUPO C — «OS BELENENSES», 0 — ATLÉTICO, 6

A EXPERIÊNCIA SUPEROU DEMASIADA INGENUIDADE

Como se infere do próprio resultado, os «azuis», com uma equipa jovem (excepção feita para Adelino), não puderam replicar ao futebol adulto dos alcantarenses, que ontem apresentaram, praticamente, a sua equipa principal.

Sem forçarem demais o an-

podria aparecer... E apareceu seis vezes.

A equipa «azul» valeu o «motor» Adelino, enquanto pôde. Alguns jovens fizeram o possível por replicar, mas isso não chegou.

Nos vencedores, Candeias, Fagundes, Tito e Simões distinguiram-se.

Nos «azuis», Montão, Adelino e Carlos Serafim foram os mais regulares.

A arbitragem de António Ramalho pecou por falta de atenção.

VIEIRA DE CARVALHO

Três golos em quatro minutos proporcionaram bom triunfo ao Oriental (5-4)

Na primeira parte houve equilíbrio no futebol desenvolvido pelas duas turmas, pelo que o empate a uma bola estava certo.

No segundo período, «Os Leões», depois de estarem a perder por 1-2, colocaram-se em vencedores por 4-2. Todavia, o Oriental, numa reacção entusiástica e feliz, soube aproveitar a incipiente categoria do guarda-redes escalbitano, um ex-júnior, e no curto espaço de

quatro minutos obteve três tentos, que lhe vieram a conferir um triunfo justo.

BERNARDO FIGUEIREDO

O ataque dos «leões» marcou três e desperdiçou ainda mais golos

A superioridade da equipa do Sporting sobre a aguerrida turma do Alhandra não está bem patente nos três golos sem resposta com que terminou o pélo. Se não fora o excesso de dribles, as corridas desmaitadas e desequilibradas,

do longas com o esférico e os passes desgarrados, o conjunto «leônico» poderia ter alcançado um resultado volumoso, mas graças a réplica dos visitantes.

(Continua na 11.ª pág.)

TOTOBOLA

Table with 2 columns: Team Name and Score. Rows include Espinho-Tirsense, Penafiel-Leixões, Braga-Guimarães, Boavista Leça, Vale-Cambrense-Peniche, Covilhã-A. Viseu, Gouveia-Lamas, Leões-Oriental, Marítimo-Benfica, Belenenses-Atlético, Sesimbra-Setúbal, Lusitano-Montijo, Luso-C. U. F.

DUAS HORAS PARA GANHAR O TERCEIRO TÍTULO DA ÉPOCA

(Continuação da 1.ª pág.)

Benfica em materializar uma supremacia técnica e territorial, nunca posta em dúvida pela Académica, a não ser nos cinco minutos que medearam entre a marcação do seu golo e o do empate. Realmente, o Benfica, especialmente na primeira parte, em que realizou a sua melhor exibição, foi jogando, criando e desaproveitando oportunidades de resolver o desafio, por gritantes deficiências dos seus homens do ataque, caso de Abel, ou então por valiosa acção da defesa dos estudantes que em muitas outras ocasiões teve o talento de impedir a entrada de bolas que pareciam destinadas a dar golo, especialmente nos excelentes remates de Eusébio.

O Benfica impôs, desde o começo, a supremacia do seu futebol, fazendo recuar Jaime Graça para o meio do campo, a fim de compensar a supremacia dos estudantes nessa zona do terreno e mercê da actividade de Simões e de «Toni», na fase inicial, desperdiçou três oportunidades nos primeiros dez minutos, por «Toni», bola ao pos-

te; Jaime Graça, remate por alto, só diante de Viegas, e por Abel que, diante da baliza, atirou ao lado. Esta supremacia dos lisboetas provocou a primeira alteração no onze escolar, a troca entre «Nene» e Peres, certamente para tentar fortalecer o meio do terreno, evitando de algum modo o ascensão do Benfica.

A ACADÉMICA SOSSEGA

Realmente, a troca entre «Nene» e Peres melhorou consideravelmente o futebol dos estudantes, vendo-se o Benfica perante maiores dificuldades para vencer a resistência dos seus adversários. Os lances dos lisboetas deixaram de ter a «fluência» do primeiro quarto de hora e, se bem que a sua supremacia nunca deixasse de se manifestar, a baliza e a grande

área dos estudantes não voltaram a conhecer situações desoperadas como as que se separaram a Abel e a Jaime Graça e que bem cedo poderiam ter determinado o desfecho do jogo. Só que a Académica, mais firme a meio do terreno, nunca encontrou soluções para passar ao ataque, para impor mudanças de ritmo e jogadas de penetração no sistema defensivo dos estudantes, numa altura em que o seu meio-campo se impunha ao adversário, perante o jogo disperso de Coluna e de «Toni», que breve entrou numa fase de oscilação, com dribles a mais e passes transviados, a quebrarem a sequência de ataque dos lisboetas que para o final do primeiro tempo haviam perdido o belo ritmo da fase inicial da partida.

(Continua na 13.ª pág.)

Confirmação de Zeca na defensiva «encarnada»

(Continua na 13.ª pág.)

trado, mas sabe-se que isso não é o seu forte e tudo o que de resto faz bem compensa a falha do chute final. Passou o tempo a lançar ora Jaime Graça, ora Eusébio ou Torres (depois) e o golo que marcou, forçando o prolongamento, foi justo prémio para a preciosidade da sua acção.

Um palavra individualizada para ZECA. Confirmou plenamente o seu lugar na defensiva «encarnada», até mesmo no centro (onde jogou) e não na «cobertura» (onde tem jogado). Excelente no «corle», embora uma vez ou outra alambaladamente, fazendo «balões» um lanço comprometedores. Contudo, sempre oportuno, raramente perdendo uma entrada e sempre com uma «limpeza» que faz recordar o antigo belenense Viteiro.

Mas EUSEBIO é extremamente importante possuir «um Eusébio» numa equipa. Não marcou os dois golos dos «encarnados», marcou só um, o segundo, mas do primeiro pertence-lhe metade. Aquele chute, no «livre», levava tal força que Viegas não foi capaz de segurar a bola, tal como em duas ocasiões anteriores. Só que desta, o perspicaz Simões eslavava muito alento. Eusébio não fez (e há quanto tempo não faz?) nenhuma das suas clássicas jogadas, em que arranca irresistível-

mente para levantar o público da bancada, depois da bola anichada no fundo da baliza, mas a sua presença é terrível. Viu-se, ontem, no Jamor. JAIME GRAÇA também jogou razoavelmente bem. Esteve bastante activo, especialmente, e entre várias oportunidades de golo que proporcionou aos «pontas de lança» a última foi aproveitada, por Eusébio (segundo golo).

Dos restantes defensores (já falámos de Zeca), ADOLFO foi mais útil que os restantes, pela consistência com que se dedicou a jogadas de ataque, indo várias vezes à linha de cabeceira contrária efectuar centros. Depois, HUMBERTO e MALTA DA SILVA, que tiveram algumas dificuldades quando os avançados da Académica vinham com a bola dominada. Talvez o primeiro tenha estranhado a mudança do centro para a «cobertura».

O guarda-redes JOSÉ HENRIQUE chegou para as «encomendas» mas nunca deu a sensação de segurança que o ocupante do lugar deve incutir nos companheiros. TONI e ABEL foram substituídos por JOSÉ AUGUSTO e TORRES. Justificadamente, acrescenta-se, pois o primeiro vinha a cair declaradamente de rendimento e o segundo está longe, do facto, de ter categoria para enfiar na turma principal. Os substitutos, no entanto, não estiveram à altura da sua projecção e se José Augusto pouco melhor fez que Toni, já Torres foi bastante mais útil que Abel, embora sem a eficiência habitual. Por algum motivo ambos têm vindo a ser suplentes.

Por fim, o «capitão» COLUNA. Exibição incaracterística, tanto mais que o jogo não foi disputado a alta velocidade, o que, presentemente, é problema para o grande jogador. Coluna tardou em descobrir o movimento tático do antagonista, «navegando» por largo tempo no meio do terreno, para só vir a subir, consideravelmente, no prolongamento. Nessa altura, sim, foi estoico, aguentando o «tour de force» da Académica para reconquistar o empate.

(Continua na 13.ª pág.)

GRUPO D — VITÓRIA DE SETÚBAL, 1 — BARREIRENSE, 0

TRIUNFO JUSTIFICADO NA PRIMEIRA PARTE

Os sadinos, praticando um futebol solto e bem delineado, começaram desde o início grandes manobras à equipa visitante.

Na segunda parte, o Vitória não parecia a mesma equipa do tempo inicial e o desafio amoleceu bastante. A turma visitante equilibrou então o jogo, mas sem nunca ter evidenciado grandes possibilidades de vir a empatar a partida.

Do fim e ao cabo, o triunfo do Vitória foi justíssimo,

MACHADO PINTO

Domínio repartido entre eborenses e montijenses (1-1)

Os lances iniciais da partida proporcionaram aos eborenses um domínio territorial acentuado, sempre bem anulado por oportunas intervenções da defesa do Montijo.

Entretanto, a partir da meia hora os visitantes superiorizaram-se, criando por sua vez embaraços à defesa lusitana, atingindo-se o final do 1.º tempo sem se marcarem golos.

No recomeço, o Lusitano tomou o comando das operações, marcou um tento nos 8 minutos, mas o Montijo reagiu bem, vindo a conseguir a igualdade antes da meia hora. Até final o jogo foi salpicado de quezílias, nem sempre bem sancionadas pelo árbitro Rosa Nunes, de Faro.

JOÃO IGLÉSIAS

O maior poder físico dos setúbalenses na base do empate com os sesimbrenses (1-1)

No primeiro tempo, as equipas do Sesimbra e do Setúbal

deram-se à luta com generosidade e nesse período os locais marcaram um golo e perderam ainda outras oportunidades.

Mas na segunda metade, esgotada a frescura física, os sesimbrenses baixaram de rendimento.

Uma palavra individualizada para ZECA. Confirmou plenamente o seu lugar na defensiva «encarnada», até mesmo no centro (onde jogou) e não na «cobertura» (onde tem jogado). Excelente no «corle», embora uma vez ou outra alambaladamente, fazendo «balões» um lanço comprometedores. Contudo, sempre oportuno, raramente perdendo uma entrada e sempre com uma «limpeza» que faz recordar o antigo belenense Viteiro.

Mas EUSEBIO é extremamente importante possuir «um Eusébio» numa equipa. Não marcou os dois golos dos «encarnados», marcou só um, o segundo, mas do primeiro pertence-lhe metade. Aquele chute, no «livre», levava tal força que Viegas não foi capaz de segurar a bola, tal como em duas ocasiões anteriores. Só que desta, o perspicaz Simões eslavava muito alento. Eusébio não fez (e há quanto tempo não faz?) nenhuma das suas clássicas jogadas, em que arranca irresistível-

mente para levantar o público da bancada, depois da bola anichada no fundo da baliza, mas a sua presença é terrível. Viu-se, ontem, no Jamor. JAIME GRAÇA também jogou razoavelmente bem. Esteve bastante activo, especialmente, e entre várias oportunidades de golo que proporcionou aos «pontas de lança» a última foi aproveitada, por Eusébio (segundo golo).

Dos restantes defensores (já falámos de Zeca), ADOLFO foi mais útil que os restantes, pela consistência com que se dedicou a jogadas de ataque, indo várias vezes à linha de cabeceira contrária efectuar centros. Depois, HUMBERTO e MALTA DA SILVA, que tiveram algumas dificuldades quando os avançados da Académica vinham com a bola dominada. Talvez o primeiro tenha estranhado a mudança do centro para a «cobertura».

O guarda-redes JOSÉ HENRIQUE chegou para as «encomendas» mas nunca deu a sensação de segurança que o ocupante do lugar deve incutir nos companheiros. TONI e ABEL foram substituídos por JOSÉ AUGUSTO e TORRES. Justificadamente, acrescenta-se, pois o primeiro vinha a cair declaradamente de rendimento e o segundo está longe, do facto, de ter categoria para enfiar na turma principal. Os substitutos, no entanto, não estiveram à altura da sua projecção e se José Augusto pouco melhor fez que Toni, já Torres foi bastante mais útil que Abel, embora sem a eficiência habitual. Por algum motivo ambos têm vindo a ser suplentes.

Por fim, o «capitão» COLUNA. Exibição incaracterística, tanto mais que o jogo não foi disputado a alta velocidade, o que, presentemente, é problema para o grande jogador. Coluna tardou em descobrir o movimento tático do antagonista, «navegando» por largo tempo no meio do terreno, para só vir a subir, consideravelmente, no prolongamento. Nessa altura, sim, foi estoico, aguentando o «tour de force» da Académica para reconquistar o empate.

(Continua na 13.ª pág.)

GRUPO D — VITÓRIA DE SETÚBAL, 1 — BARREIRENSE, 0

TRIUNFO JUSTIFICADO NA PRIMEIRA PARTE

Os sadinos, praticando um futebol solto e bem delineado, começaram desde o início grandes manobras à equipa visitante.

Na segunda parte, o Vitória não parecia a mesma equipa do tempo inicial e o desafio amoleceu bastante. A turma visitante equilibrou então o jogo, mas sem nunca ter evidenciado grandes possibilidades de vir a empatar a partida.

Do fim e ao cabo, o triunfo do Vitória foi justíssimo,

MACHADO PINTO

Domínio repartido entre eborenses e montijenses (1-1)

Os lances iniciais da partida proporcionaram aos eborenses um domínio territorial acentuado, sempre bem anulado por oportunas intervenções da defesa do Montijo.

Entretanto, a partir da meia hora os visitantes superiorizaram-se, criando por sua vez embaraços à defesa lusitana, atingindo-se o final do 1.º tempo sem se marcarem golos.

No recomeço, o Lusitano tomou o comando das operações, marcou um tento nos 8 minutos, mas o Montijo reagiu bem, vindo a conseguir a igualdade antes da meia hora. Até final o jogo foi salpicado de quezílias, nem sempre bem sancionadas pelo árbitro Rosa Nunes, de Faro.

JOÃO IGLÉSIAS

O maior poder físico dos setúbalenses na base do empate com os sesimbrenses (1-1)

No primeiro tempo, as equipas do Sesimbra e do Setúbal

deram-se à luta com generosidade e nesse período os locais marcaram um golo e perderam ainda outras oportunidades.

Mas na segunda metade, esgotada a frescura física, os sesimbrenses baixaram de rendimento.

Um palavra individualizada para ZECA. Confirmou plenamente o seu lugar na defensiva «encarnada», até mesmo no centro (onde jogou) e não na «cobertura» (onde tem jogado). Excelente no «corle», embora uma vez ou outra alambaladamente, fazendo «balões» um lanço comprometedores. Contudo, sempre oportuno, raramente perdendo uma entrada e sempre com uma «limpeza» que faz recordar o antigo belenense Viteiro.

Mas EUSEBIO é extremamente importante possuir «um Eusébio» numa equipa. Não marcou os dois golos dos «encarnados», marcou só um, o segundo, mas do primeiro pertence-lhe metade. Aquele chute, no «livre», levava tal força que Viegas não foi capaz de segurar a bola, tal como em duas ocasiões anteriores. Só que desta, o perspicaz Simões eslavava muito alento. Eusébio não fez (e há quanto tempo não faz?) nenhuma das suas clássicas jogadas, em que arranca irresistível-

mente para levantar o público da bancada, depois da bola anichada no fundo da baliza, mas a sua presença é terrível. Viu-se, ontem, no Jamor. JAIME GRAÇA também jogou razoavelmente bem. Esteve bastante activo, especialmente, e entre várias oportunidades de golo que proporcionou aos «pontas de lança» a última foi aproveitada, por Eusébio (segundo golo).

Dos restantes defensores (já falámos de Zeca), ADOLFO foi mais útil que os restantes, pela consistência com que se dedicou a jogadas de ataque, indo várias vezes à linha de cabeceira contrária efectuar centros. Depois, HUMBERTO e MALTA DA SILVA, que tiveram algumas dificuldades quando os avançados da Académica vinham com a bola dominada. Talvez o primeiro tenha estranhado a mudança do centro para a «cobertura».

O guarda-redes JOSÉ HENRIQUE chegou para as «encomendas» mas nunca deu a sensação de segurança que o ocupante do lugar deve incutir nos companheiros. TONI e ABEL foram substituídos por JOSÉ AUGUSTO e TORRES. Justificadamente, acrescenta-se, pois o primeiro vinha a cair declaradamente de rendimento e o segundo está longe, do facto, de ter categoria para enfiar na turma principal. Os substitutos, no entanto, não estiveram à altura da sua projecção e se José Augusto pouco melhor fez que Toni, já Torres foi bastante mais útil que Abel, embora sem a eficiência habitual. Por algum motivo ambos têm vindo a ser suplentes.

Por fim, o «capitão» COLUNA. Exibição incaracterística, tanto mais que o jogo não foi disputado a alta velocidade, o que, presentemente, é problema para o grande jogador. Coluna tardou em descobrir o movimento tático do antagonista, «navegando» por largo tempo no meio do terreno, para só vir a subir, consideravelmente, no prolongamento. Nessa altura, sim, foi estoico, aguentando o «tour de force» da Académica para reconquistar o empate.

(Continua na 13.ª pág.)



COIMBRA ADIANTA-SE — À esquerda mal se percebe Manuel António; e também José Henrique, no chão, mal se distingue; ao contrário de Eusébio, Rui Rodrigues e Adolfo. Mas é o golo com o qual Coimbra se adiantou no marcador

BENFICA — ACADÉMICA

Os melhores marcadores

(Continuação das págs. centrais)

Ihorando à medida que o desafio seguia no tempo e de Coluna, cuja subida de rendimento muito impulsionou o Benfica para a vitória, e compençou muito o abaximento de «Tonis», a insistir em dribles despropositados, em passes sem direcção, a quebrar o ritmo do ataque benfiquista. Na defesa dos estudantes, Belo em grande plano ia-se opondo com tenacidade e determinação aos benfiquistas, onde Simões, sempre brilhante, via os seus passes para a grande área serem desaproveitados pelos homens do remate.

Ao aproximar da meia-hora, o Benfica procedeu a uma substituição indicada: a saída de «Tonis» e a entrada de José Augusto. Tudo em vão, o Benfica não «engrenava» mais no seu futebol ligado e tinha de continuar a viver dos «sprints» de Jaime Graça, das fintas e dos dribles de Simões e dos livres de Eusébio, pois com a fadiga dos estudantes começaram a aparecer os lances irregulares, as rastreas, empurrões.

O RESULTADO

Mas seria a Académica a primeira a marcar, não obstante os seus lances ofensivos não poderem comparar-se, nem em quantidade nem em qualidade com os do seu adversário.

Um livre bem apontado por Gervásio fez cair a bola rente à baliza do Benfica, onde ninguém conseguiu importunar Manuel António, autor do excelente remate.

«TAÇA RIBEIRO DOS REIS» GRUPO D

(Continuação das págs. centrais)

Assim, o Seixal ganhou juz ao empate, mercê não só do seu maior poder atlético, como do seu melhor jogo no período final.

Arbitragem regular de Poém Luis, de Leiria.

CARLOS BAPTISTA

Excelente réplica do Luso ante a maior técnica dos cufistas (0-2)

Dada a superioridade da C. U. F., que apenas alinhou com dois elementos da reserva, o Luso cedo procurou vencer o impeto inicial dos visitantes, conseguindo-o até ao intervalo.

No segundo período o jogo ganhou maior movimentação, com lances alternados de perigo, mas a maior categoria técnica dos «cufistas» veio ao de cima, com a obtenção de dois golos.

Todavia, dado o mérito esforço do Luso, a marca tangencial ajustava-se melhor ao desenrolar dos acontecimentos.

R. C.

Dificuldades do Portimonense frente aos jovens do Alameda (2-0)

Não aproveitando uma grande penalidade, assinalada logo nos minutos iniciais, o Portimonense passou por grandes dificuldades para se impor à jovem equipa almadense que, animada pela infelicidade do seu antagonista, passou a defender-se com muito acerto, perturbando nitidamente a carburacao dos dianteiros algarvios.

Na verdade, os almadenses, fechando-se bem nas imediações da sua grande-área e contra-atacando sempre que a ocasião lhes surgia, obrigaram a defesa da casa a jogar com muita atenção para evitar o aparecimento de qualquer surpresa. E só depois de se encontrarem em vantagem é que os portimonenses passaram a exhibir certa descontracção, construindo lances de bom efeito que, nem sempre resultaram, pois só próximo do final é que surgiu o tento da confirmação.

O triunfo portimonense foi normal e lógico, só pecando por escasso e deparando com dificuldades inesperadas.

Nem chegou a ser surpresa o ritmo imposto pelo Benfica, na tentativa lógica de repor a igualdade, conseguida cinco minutos decorridos, no primeiro grande deslize de Viegas, ao deixar escapar a bola para a sua frente, permitindo a recarga vitoriosa de Simões.

Ao iniciar-se o prolongamento, compreendeu-se que as dificuldades da Académica seriam maiores, pois a resistência dos estudantes não poderia competir com a dos seus adversários. Com vista a esse pormenor, os escolares procederam à última substituição permitida, fazendo de

FUTEBOL JUVENIL

Resultados de ontem para a prova extraordinária de juvenis do Porto.

Candil-Leça, 0-2; F. C. Porto-Salgueiros, B. 6-0; Grifão-Parades, 3-1; Saigueiros A-Infesta, 3-0; Avintes-Trofense, 3-0; Sandinense-Coimbrões, 1-2 e Cruz-Académico, 1-3.

PROVAS DA A. F. LISBOA

VENDA DO PINHEIRO CAMPEÃO DA III DIVISÃO

No campo da Arceira, em Loures, disputou-se, ontem, a final do Campeonato Distrital da III Divisão da A. F. Lisboa, entre as equipas do Venda do Pinheiro e do Santa Maria.

A vitória pertenceu ao Venda do Pinheiro, por 1-0, golo abtido por Lino, aos 5 minutos.

O jogo, como espectáculo de futebol pouco valeu; mas, em brio e entusiasmo, pode dizer-se que estiveram em campo dois campeões.

Arbitrou Pedro Quaresma e as equipas alenhamaram:

Venda do Pinheiro — Ernesto; Luis, Cadena, Carlos e Jerónimo; Malveira e Martins; Gaetano, Vitor, Amadeu e Lino. Santa Maria — Renato; Santana, Brás, Helder e Chama; Chandoca e André; Toni, Adelino, Carlos Alberto e Monteiro (Mendonça).

No final, Américo Matos, dirigente da A. F. L., entregou ao «capitão» da equipa vencedora o troféu conquistado. Antes do início do jogo, o Santa Maria recebeu, também, uma taça oferecida por um sócio do clube.

Taça «Lisboa»

Com a realização dos encontros correspondentes a 2.ª «mão» da terceira eliminatória, prosseguiu a Taça «Lisboa», prova organizada pela A. F. L., aproximando-se do seu termo, pois que, após a próxima eliminatória, serão já conhecidos os finalistas.

Resultados de ontem: Ericelense-Fanhões, 5-0 (na 1.ª «mão», 2-0); Bucelenses-Odivelas, 2-1 (1-0); Arroios-Caramão, 0-0 (0-0); e I. Cruzeiro-Palmense, 0-0 (3-2).

JUNIORES 1970/1971

(Continuação das págs. centrais)

dos numerosos juniores que pisaram a relva do Jamor.

Os de 1970, de maior índice técnico e mais evoluídos, acabaram por vencer bem; mas, caso curioso, foi aos mais jovens que se depararam as oportunidades mais propícias. O resultado foi aspecto secundário, já que o fim principal a atingir era o de apresentar um lote de jogadores que, certamente, constituirão a infra-estrutura do trabalho de preparação da futura selecção nacional de juniores. Ao mesmo tempo que pode contribuir para lançar alguns dos seus componentes no primeiro plano do futebol nacional.

JOAQUIM VICENTE

O «DIÁRIO POPULAR» É TRANSPORTADO PARA TODO O MUNDO NOS AVIÕES DA P. A. A.

trar Rocha para o lugar de Vitor Campos. Só que essa substituição em nada veio alterar o desenrolar do jogo e o desfecho da partida, que no começo do segundo tempo ficou definitivamente resolvida com o golo de Eusébio, em remate de cabeça, a uma bola que bem poderia ter pertencido ao guarda-redes, muito lento a sair da baliza e a tentar a intercepção.

A equipa do Benfica conquistou assim a Taça de Portugal por uma bola de diferença, mas o resultado podia ter sido mais elevado, pois Eusébio, por duas vezes, faltou a lances diante da baliza a excelentes passes de Jaime Graça e Simões, parecendo faticado ou apoquentado por qualquer lesão, impeditiva de arranque mais rápido.

EU SOU O ÁRBITRO...

Arbitragem discreta de Ismael Baltasar, cujos conhecimentos não estão em causa, mas cujo estilo na direcção da partida, o faz manter-se afastado,

como que divorciado do encontro. Demasiado importante para seguir o jogo mais de perto, para contar os passos a que os jogadores devem estar na barreira. Dirigiu a partida com ar pachorronto, fazendo com que as faltas, os jogadores, a bola vão ao seu encontro e não ele ao encontro e «em cima» das violações da lei. E algumas faltas que entendeu serem de somenos não as assinalou, prejudicando assim uma das equipas e podendo contribuir para o mal-estar entre os jogadores. Um deslize grave no jogo de ontem: a deslocação de Jaime Graça, sobre a linha de cabeceira, ao receber uma bola de Simões e que não deu golo porque o jogador parou. Seria um caso.

AURELIO MARCIO

O «TEAM» DE COIMBRA

(Continuação das págs. centrais)

do futebolista, pois evidenciou certa confusão na manobra táctica, tanto quando esteve em «ponta de lança», como quando derivou para o meio campo, depois da saída de Peres. Daí o ter-se ressentido o poderio atacante das «capas negras», nomeadamente no que se refere a MANUEL ANTÓNIO, estático, pesado e sem imaginação. Ressarcia-se no golo, onde, aliás, os defensores benfiquistas lhe permitiram tempo para parar a bola com o peito, refazer o equilíbrio depois do salto e rematar, por sinal com força e colocação.

Na baliza, VIEGAS abornou a insegurança com a segurança. Fez quatro grandes defesas, atrapalhou-se nalgumas situações aflitivas e nos golos não lhe vimos grande culpa. No primeiro, o remate de sliores, de Eusébio, levava sfogos e largou a bola que lhe batem no peito; no segundo, estava desacompanhado de defensores e também Eusébio surgiu rapidíssimo a cabecear.

No meio campo, RUI RODRIGUES e PERES não estiveram tão acertados quanto costumam ser. Mais prático o primeiro, mais de arabescos o se-

gundo. Estilos diferentes que, a render em pleno, se completam magnificamente. Ontem, porém, isso não aconteceu com frequência.

MÁRIO CAMPOS e VITOR CAMPOS foram os extremos. O Vitor jogou bastante melhor que o Mário, teve uns centros felizes, que não foram aproveitados inclusive pelo Mário.

SERAFIM substituiu Peres e ROCHA rendeu Vitor Campos. Nenhuma das trocas beneficiou a equipa.

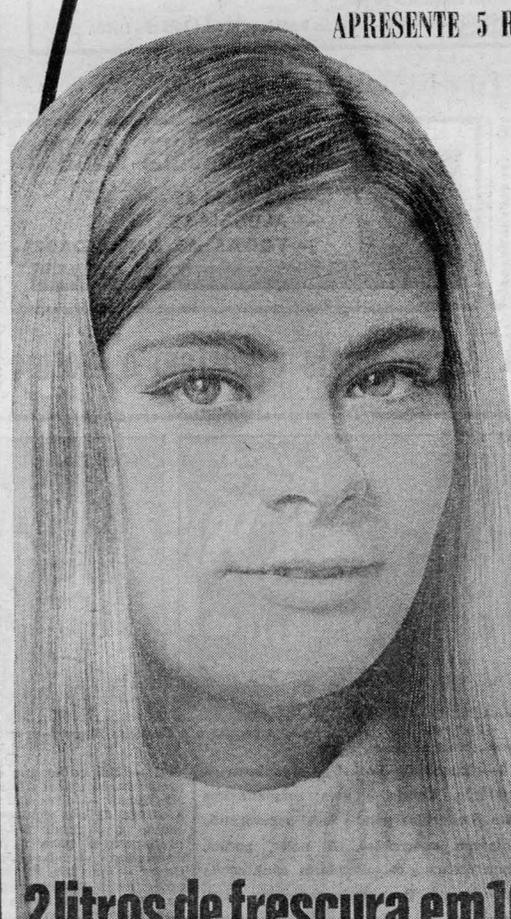
L. RODRIGUES

MISS ROYAL BATE-LHE A PORTA

1 FRIGORÍFICO POR DIA, GRÁTIS A QUEM APRESENTE 5 REFRESCOS ROYAL DIFERENTES

LISTA DOS CONTEMPLADOS DESDE 1 ATÉ 20 DE JUNHO DE 1969

- D. Maria de Fátima Lopes Simões Lima — FAMALICAO
- D. Dorotheia Evangelina S. M. Morais e Sousa — BRAGA
- D. Maria da Conceição Gomes Braga Teixeira — GUIMARÃES
- D. Natália da Conceição Mota — VILA REAL
- Sr. José da Cruz Boavida — CHAVES
- Lar de Nossa Senhora de Fátima — MACEDO DE CAVALHEIROS
- Sr. José Augusto Lopes — BRAGANÇA
- D. Maria Luísa Pereira Nunes L. Marques — CELORICO DA BEIRA
- D. Laura de Abreu Ferreira Marques — GUARDA
- D. Isaura Maria da C. Ventura Gavinhos — FUNDÃO
- Sr. António Gonçalves Chalão — COVILHA
- D. Lurdes Roque Dionísio — CASTELO BRANCO
- D. Rita da Conceição Aragões Marques — PORTALEGRE
- D. Maria de Fátima Caldeira Guerra — ELVAS
- D. Maria Celeste Oliveira — ÉVORA
- D. Inácia Maria Caeiro Casaca — VILA VIÇOSA
- D. Emilia Esterinho — ESTREMOZ
- D. Iermínia Mergulhão — PORTIMÃO
- D. Maria Carolina Correia Muchacho — LAGOS
- D. Beatriz Maria Marreiros Leite — FARO



refrescos Royal

2litros de frescura em 10 sabores diferentes